

## MEMÓRIAS DE UM POVO O CASO DE UM MUSEU LOCAL

*Alberto Martinho \**

Nos anos de 1969 e 1970, a pedido do antropólogo Jorge Dias, efectuámos uma recolha de peças para o Museu de Etnologia, de Lisboa, então chamado “Museu das Prateleiras”, uma vez que o espaço era exíguo, num dos edifícios do palácio Vale Flor. Esta tarefa iniciou-nos nas questões museológicas: para além da recolha propriamente dita, tivemos que elaborar fichas das peças, do conteúdo, contexto e função das mesmas.

A aplicação destes ensinamentos, recebidos de uma equipa de etnólogos que fez escola neste país (Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira), teve lugar quando fomos convidados para o “arranque” do Parque Natural da Serra da Estrela, em 1978. Desde logo propusemos, a par com a valorização das actividades económicas locais, a constituição de uma rede de museus locais. Estes seriam o repositório do que fosse ainda possível salvar do processo de mudança acelerada em curso. Iniciámos assim o processo de recolha e sistematização em todas as aldeias da área do Parque Natural da Serra da Estrela, que armazenámos num espaço cedido por um sabugueirense.

Entretanto, no início da década de 1980 tivemos a vista de George Henri-Rivière, também chamado “pai dos ecomuseus”, que nos encorajou na tarefa da salvaguarda do património, encetada quase sem meios.

Entretanto a aprovação da proposta de constituição da rede de núcleos museológicos locais foi sendo adiada: Linhares da Beira, com valência no eixo da arquitectura; Sabugueiro com a parte respeitante à ovelha e à transumância; S. Romão-Meios com as valências do têxtil lanar e com os cobertores de “papa” (lã churra); Casal do Rei com a valência da floresta e da resina; Cortes do Meio com a valência da cabra e Loriga com a valência do mel.

A partir daqui fomos tomando consciência que não podíamos contar com o Estado para a constituição desta rede. Então iniciámos o processo de constituição do núcleo museológico do Sabugueiro, em colaboração com a população

---

\* Instituto Universitário de Desenvolvimento e Promoção Social — Pólo de Viseu da Universidade Católica Portuguesa.

local. Se uns acolheram a ideia com agrado, outros houve que não deram importância à tarefa de guardar “coisas velhas”. Uma tarefa, que se revelou complicada, foi a escolha do local. Uns sugeriram “o forno velho” (primeiro forno comunitário da aldeia, já desactivado), uma vez que o segundo forno está em funcionamento todas as sextas-feiras e sábados para as sabugueirenses cozerem o pão de centeio e para assarem os borregos e cabritos para os casamentos. Outros, porém, achavam que o sítio era ideal para se guardar o feno e a palha de centeio. Alguns sugeriram que o forno devia guardar a carreta onde seguiam os mortos, adquirida nos finais da década de 1960, uma vez que o caixão das almas (caixão feito de madeira que era utilizado para levar o corpo para o cemitério dos pobres que não tivessem deixado dinheiro para comprar um caixão) caiu em desuso. Após um trabalho de esclarecimento aturado, houve um consenso alargado para que o referido forno albergasse o museu. Em seguida convidámos alguns especialistas, entre os quais. Benjamim Pereira, para nos ajudar na conceptualização do projecto museológico e no aproveitamento do referido espaço. Tivemos, desde logo, a noção de que, mais do que um conceito estático de exposição de peças, este local também serviria para o reenvio do visitante para sítios e locais onde a cultura estivesse materializada em elementos e padrões culturais ainda integradores da vida dos actores económicos, culturais e sociais. Assim, para além de darmos importância aos elementos geográficos, demográficos, históricos, económicos e até símbolos que possam já fazer parte do passado, também não podemos esquecer alguns dos que fazem parte do presente.

Por exemplo, a neve esteve na origem da transumância de Inverno dos pastores, de ovelhas e cabras, do Sabugueiro, para os campos do Douro, de Coimbra, da Idanha e do Alentejo, até por volta de 1950. Actualmente essas deslocações fazem-se para localidades vizinhas: Arrifana (Seia), Tasém (Gouveia), Paul (Covilhã), Felgueiras (Nelas).

Porém, essa mesma neve esteve na origem, no início da década de 1960, do aparecimento de estabelecimentos para fins turísticos. Nestes, vendem-se, desde produtos locais (pão de centeio, algum queijo, algum zimbro e alguns enchidos), até produtos cuja origem nada tem que ver com a serra (loiça do Redondo, peles e casacos de pele de Alcacer do Sal, Alcanena e Porto); queijo de unidades industriais dos concelhos de Celorico da Beira, Sabugal, Trancoso, Figueira de Castelo Rodrigo (queijo de vaca vendido como sendo de ovelha serrana) e até de Ansião (queijo do Rabaçal vendido como queijo Serra da Estrela), presunto e enchidos do Montijo e de Amêndoa (Beira Baixa) e até cães rafeiros são vendidos como produtos de qualidade. Estas situações deram origem a enriquecimentos rápidos de filhos de pastores que se transformaram em comerciantes, havendo mesmo casos de investimentos em imobiliário de valores superiores a 150 000 contos (com

pagamentos em notas), de alguns destes que, entretanto, só estão com a contabilidade inscrita nas Finanças há 7-8 anos.

Os reflexos destas mudanças também estão analisados na secção relativa à estrutura económica e social local.

A abertura, ao público, deste núcleo museológico teve lugar em Setembro de 1995. É o início do espelho do homem sabugueirense que procuraremos manter actualizado ao longo do espaço e do tempo.

*Sabugeiro, Setembro 1995*